



PROJETO DE EXTENSÃO EM SEXUALIDADE HUMANA NA EDUCAÇÃO

Walfrido Nunes de Menezes¹

Marília Afonso de Araújo²

Natália Faria³

RESUMO: O presente trabalho – um relato de experiência, que vem sendo desenvolvido desde 2005 -, sobre a sexualidade e a saúde sexual, no contexto da educação sexual, que teve e tem como objetivo resgatar, favorecer e refletir, o processo de crescimento do sujeito adolescente e do ser adulto, em seu contexto sociocultural, político e educacional possibilitando uma nova leitura e releitura dos preconceitos, tabus, dogmas, sexismo etc. A presente ação pedagógica é trabalhada a partir de uma ótica biopsicossocial, política, afetiva, ideológica, cultural e educacional, contemplada pela tríade autonomia, autoestima e afetividade. O presente trabalho, teve e tem como metodologia a dinâmica de grupo, a observação, o grupo focal e o sociodrama. O projeto de extensão envolve um grupo de jovens e adultos moradores da comunidade do Prado e adjacências; mães da comunidade e os participantes do Projeto Cidadania e o Recriar, que funcionam e são promovidas em uma Instituição de Ensino Superior, em seu Programa de Extensão Universitária.. O projeto vem apresentando ao longo dos anos, uma participação e reflexão por parte dos participantes, sobre a temática que ainda na contemporaneidade, tem promovido conflitos nas escolas, família e comunidade, gerando mal estar e muitas atitudes por parte do mundo adulto de repressões, punições e exclusões de gênero; principalmente no tocante a iniciação sexual de muitos jovens e da incidência e reincidência da gravidez adolescente. Percebe-se, na prática uma reflexão por parte do grupo participante, em elaborações mas conscientes de atitudes pessoais.

Palavras-chave: Extensão sexualidade; educação sexual; saúde sexual; gravidez na adolescência.

O Projeto de Extensão em Sexualidade Humana, realizado na Faculdade Estácio do Recife – é o resultado do trabalho e compromisso social da psicologia, em atuação junto às classes populares, que buscam formação e informações da educação sexual. O presente trabalho vem desenvolvendo suas ações desde 2005. Contempla tanto os participantes do Recriar, pré-adolescentes com idade igual ou superior a 11 anos; quanto os participantes do

¹ Professor e Coordenador do curso de Psicologia e Doutor em Serviço Social. Faculdade Estácio do Recife. E-mail: walfrido.menezes@estacio.br.

² Faculdade Estácio do Recife – Monitora.

³ Faculdade Estácio do Recife – Monitora.



Agente de Cidadania, adolescentes e adultos. Tanto o Recriar como o Agente de Cidadania são projetos sociais coordenados por docentes da Faculdade Estácio do Recife. Além das ações voltadas para a comunidade in locun.

O presente trabalho tem e teve como objetivo viabiliza uma ação em torno da educação sexual, de forma dinâmica e participativa, possibilitando aos participantes serem protagonistas de suas questões. Dessa maneira os mesmos passaram a interagir nas atividades falando sobre o cotidiano que envolve a questão da sexualidade.

O programa proposto para o projeto de extensão, dentre outros, compreende as seguintes etapas: a História da Sexualidade Através dos Tempos; Corpo Reprodutivo; Amar, Namorar e Ficar; Ser Homem e Ser Mulher; Gravidez na Adolescência: Estudo de Caso etc.

A tentativa do projeto é a de ampliar a visão da educação sexual, mostrando que esta é capaz de promover uma reflexão sobre o amor, relacionamentos afetivos, ações diante das diversidades sexuais, aborto, violência sexual, papéis de gênero e a gravidez na adolescência não planejada e não desejada, entre outros.

Os instrumentos utilizados, como via de discussão, são os cd's didáticos, slides, dinâmicas de grupo, sociodrama etc. Importante ressaltar que todos os debates e esclarecimentos de dúvidas têm embasamento teórico, adquirido através das capacitações contínuas que os monitores recebem do seu orientador.

Portanto, o presente trabalho voltou-se para a juventude. Para tanto é preciso entender que a juventude é uma fase que implica profundas transformações que vão do físico ao psicológico, estruturando-se e recebendo influência do e no social. Ela resulta em conflitos, diante da busca de identidade pessoal, social, sexual e de gênero. Partindo do pressuposto que esta fase vem impregnada de dúvidas e idéias preconcebidas, nós elaboramos um projeto formativo e informativo em uma ótica educacional da sexualidade.

Sexualidade é a essência da vida humana, envolvendo o conjunto de características biológicas, psicológicas e socioculturais que nos permitem



compreender o mundo e vivê-lo através do nosso corpo e em torno do prazer saudável e harmonioso com a vida, enquanto mulher e homem.

Assim, entendemos a leitura da sexualidade numa visão bio-psicossociocultural em um contexto político, ideológica e educacional contemplada pela tríade: autonomia, autoestima e afetividade para a formação da identidade de gênero que possibilita ao indivíduo equilíbrio, conhecimento e consciência de si para saber lidar com seus desejos e chegar ao passo fundamental para o encontro e conhecimento do outro.

Portanto, o trabalho em sexualidade humana, numa ótica educacional, passa por uma fusão com o todo e precisa da reflexão do “Eu” indivíduo para se chegar à relação “Eu-Tu”, ou seja, o estabelecimento das relações humanas.

1. MÉTODO

O presente trabalho de extensão foi e é realizado semestralmente numa proposta metodológica participativa, construtiva e social. O trabalho é e vem sendo realizado através de técnicas da dinâmica de grupo, observação não participante, a utilização do grupo focal e o sociodrama.

A observação não participante ocorre desde o primeiro momento, quando do encontro como o grupo dos adolescentes integrados ao trabalho, e ocorre durante todo o processo, a fim de se incorporar, sempre que necessário, a percepção e o entendimento do grupo de adolescentes envolvidos, isto é, de ver o mundo através do olhar dos próprios jovens.

Bruyn (apud HAGUETTE, 1981, p. 58) diz:

a observação representa um processo de interação entre teoria e métodos dirigidos pelo pesquisador na sua busca de conhecimento não só da ‘perspectiva humana’ como da própria sociedade (...) enfatiza a necessidade de se reconhecer em primeira instância o caráter peculiar dos seres humanos, seu comportamento e sua vida em grupo.



Em seguida temos o grupo focal. Esta técnica foi e é desenvolvida pelo fato de proporcionar sessões de grupo como um dos focos facilitadores da expressão de características psicossociológicas e culturais, prevendo a obtenção de dados a partir de sobre uma questão específica, num ambiente propício e não ameaçador, permitindo ao pesquisador, neste contato, o conhecimento do ponto de vista dos mesmos” (WESTPHAL, et al. , 1996, p.473).

A importância do grupo focal está em promover um conhecimento prévio dos problemas segundo o ponto de vista da população (...) e pela flexibilidade. Em vez de seguir um roteiro rígido de questões (...) o moderador tem a liberdade para modificar a ordem das questões (...) e possibilita ainda a emergência de conflitos (...)” (id., pp. 478 – 79).

Por último, utilizamos o sociodrama, isto é, a dramatização das temáticas do projeto, com a finalidade de estimular e desenvolver a interação do grupo diretamente com as questões propostas. A vivência possibilita a abertura de uma reflexão criativa e participante.

2. ADOLESCÊNCIA

A adolescência é uma fase da vida que implica profundas transformações que vão do físico – de ordem biológica na puberdade, com o aumento na produção dos hormônios sexuais – ao psicológico, estruturando-se e recebendo influência do e no social. Ela resulta em conflitos, diante da busca de identidade pessoal, social, sexual e de gênero. Do ponto de vista psicossocial, ampliam-se os sentimentos e as emoções; as e os adolescentes fogem das relações parentais e egocêntricas, procurando uma abertura maior em relação ao grupo, pela busca de sua identidade.

Nessa fase, tudo muda não se é mais como se era na infância. Aparecem muitas dúvidas na adolescência. O indivíduo torna-se adulto, embora o grupo ache “que ainda é criança”. Surge, assim, uma ambivalência entre o ser criança, se divertir e o ser adulto, assumir compromissos.



Diante desses aspectos, a adolescência caracteriza-se por apresentar comportamentos diferenciados tais como: atitudes de inquietação, impulsividade, submissão, insegurança, introversão e/ou extroversão, porém frutos das transformações biopsicossociais, pelos quais se passa.

Assim, não se pode mais pensar na adolescência como uma fase de irresponsabilidade e imaturidade, de condutas turbulentas e dispersivas, pois a “adolescência é mais do que uma etapa estabilizadora. É um caminho no contexto da realidade humana” (KNOBEL, 1988, p.04).

Assim, surgem no contexto do presente trabalho as variações significativas na vida dos/das jovens, tais como: maior maturidade, passagem para o mundo adulto, maior socialização, bem como, o flerte, o ficar, o namoro etc.

Todas essas mudanças implicam, agora também, em uma sexualidade, mas voltada para o/a outro (a), o que promove uma ampliação do processo de socialização, como também conflitos nas escolhas e direção a serem seguidas na vida. Assim, surge dentre outros a Gravidez na Adolescência que, no Brasil, é uma questão bastante ampla e de pouco estudo, tanto na teoria como na prática.

3. SAÚDE SEXUAL, SAÚDE REPRODUTIVA E GÊNERO

A questão da gravidez adolescente foi inclusive a preocupação inicial que teve o grupo do Projeto Recriar, do curso de Psicologia e o de Agentes de Cidadania do curso de Direito da Faculdade Estácio do Recife, para a vivência do referido projeto junto a pré-adolescentes, jovens e adultos – a juventude - da comunidade do Prado e adjacências.

Frente à gravidez se encontram poucas publicações (livros) e alguns textos em revistas, temas para seminários e via Internet, mas sempre com o olhar do adulto ou do médico-científico e sem focalizar a questão da exclusão e o olhar da juventude.



A área médica que lida diretamente com esse setor – a ginecologia – apresentam mais estudos sobre a gravidez da mulher adulta do que sobre a gravidez das jovens, embora existam hoje algumas instituições hospitalares em Recife, como o Instituto Materno-Infantil – IMIP, o Hospital Agamenon Magalhães, o Otávio de Freitas e a Maternidade da Encruzilhada, além de algumas Organizações não governamentais e os Programas de Saúde da Família, que através de uma equipe multidisciplinar, vêm desenvolvendo um trabalho com adolescentes no acompanhamento à gravidez.

A gravidez na adolescência tem preocupado vários países do mundo, incluindo o Brasil, face ao crescimento no processo de fecundidade junto a este público, que a cada ano que se passa ainda tende a piorar com a diminuição da idade – entre 10 e 14 anos – da primeira gestação.

Porém, o foco de atenção deste grupo de extensão não é o número de adolescentes grávidas, mas sim a preocupação com uma situação que as afasta da escola, de um trabalho melhor etc., ampliando assim o processo de exclusão social.

Por outro lado, as implicações emocionais são marcantes, visto que os/as adolescentes ainda não elaboraram suficientemente seus afetos – devido às características do seu desenvolvimento psicológico anterior aos 12 anos passarem por uma ação bastante egocêntrica como nos mostra Freud em seus estudos “Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade Humana”. Ficam os/as mesmos (as), em sua maioria, perplexos (as), assustados (as) e angustiados (as) diante dessas situações prematuras e quase sempre indesejadas para o presente momento de vida em que os/as jovens se encontram.

Dessa maneira, termina por ocorrer um processo de exclusão simbólica (psicossocial), uma vez que a garota é privada da adolescência em termos de estudos, diversão, lazer e namoro. A mesma fica presa ao filho, como apontou a pesquisa de Menezes (2002):

Não pode ir para a rua"... "Não pode ir para festas, dançar, brincar"... "Não tem hora para comer, grávida tem hora para tudo"... "Deixei de fazer muita coisa: passear, andar, ir para praia"... "O corpo muda, geralmente engorda muito"... "Você perde o trabalho que tinha (grupo focal).



Os (as) adolescentes ainda estruturam sua identidade enquanto sujeito, portanto essa ruptura entre o mundo adolescente e a entrada precoce no mundo adulto termina por provocar uma desestruturação psicossocial que irá influenciar suas atitudes, visto que os/as mesmos (as) ainda apresentam relações instáveis.

Além dessas questões, não se pode deixar de apontar que um dos maiores problemas da gravidez na adolescência ainda gira em torno da baixa ou inexistente escolarização. Se não vejamos, evidencia-se que 54% de adolescentes sem escolaridade já ficaram grávidas, o que reforça a ligação entre o nível de escolaridade e a gravidez, visto que implica um setor de conhecimento que é a fonte de desenvolvimento do ser humano. Por outro lado, apenas 6,4% das adolescentes com 9 anos ou mais de escolaridade já têm o primeiro filho, ficam ou estão grávidas do mesmo (MENEZES, 2002).

No caso do Brasil, país de analfabetos e de história de fracassos e altas evasões, os aspectos ligados à gravidez na adolescência só tendem a se acentuar. Também segundo pesquisa desenvolvida em Caruaru, doze das adolescentes não concluíram o Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série, e sete de 5ª a 8ª série. E apenas uma chegou a 2ª série do Ensino Médio (MENEZES, 2002).

Assim, a gravidez na adolescência termina promovendo uma maior exclusão, visto que as jovens, na maioria das vezes das classes populares, já se encontram desprovidas de condições básicas de vida e fora da escola; ou, em outros casos, promove o afastamento das mesmas, o que termina por implicar uma baixa escolarização, resultando na desqualificação e na exclusão do processo de trabalho; restam, assim, poucas opções e, em geral, na área informal de trabalho.

Por outro lado, não podemos deconsiderar o contexto de gênero, uma vez que as adolescentes grávidas, são mulheres que vivem inseridas em um contexto patriarcal e androcêntrico.

Assim, o conceito de papéis de gênero refere-se ao conjunto de expectativas sociais sobre os comportamentos 'adequados' e 'claramente'



distintos que a pessoa deverá manifestar, conforme o sexo a que pertence. Os gêneros ao longo da história da humanidade, sempre foram pautados por relações que implicam uma constante desigualdade e segmentação entre o feminino e o masculino. Embora essas relações tenham passado por mudanças significativas a partir da segunda metade do século XX, com o avanço dos movimentos feministas, estas ainda não contemplam a totalidade do universo feminino.

As mulheres, no Brasil, apesar de terem hoje maior tempo de permanência na escola do que os homens, como apontado por Rosemberg (2001) e pelo estudo do INEP/MEC (2005), ainda não concretizaram na prática ações igualitárias, respeitadas e longe da dominação do masculino. Embora com a maior escolarização, maior participação social e presença das mulheres no mercado de trabalho, as estruturas patriarcais ainda não foram rompidas totalmente, permanecendo fortes elementos discriminatórios e/ou de exclusões econômicas e simbólicas sobre as mesmas.

Assim, a percepção de gênero é inserida em um modelo de submissão da mulher diante do homem, reflexo de um longo, permanente e exaustivo processo de opressões e condicionamentos sociais, gerando a exclusão. O “sexismo não é somente uma ideologia, reflete, também, uma estrutura de poder, cuja distribuição é muito desigual, em detrimento das mulheres” (SAFFIOTI, 2004, p. 35).

Portanto, pode-se constatar que o processo de exclusão tem amplitudes significativas na esfera pessoal e coletiva, tendo em vista que não se trata apenas de condições financeiras – essa existe sim – mas de não ter acesso “ao viver plenamente” com dignidade, ter relações carinhosas e amorosas, isto é, a felicidade em ser sujeito participante e ser reconhecido como tal.

4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

As atividades desenvolvidas buscavam viabilizar uma ação em torno da educação sexual, de forma dinâmica e participativa; promover uma ação por



parte dos participantes como protagonistas se suas questões, fazendo com que eles interagissem uns com os outros, falando sobre o cotidiano que envolve a questão da sexualidade.

A partir de uma abordagem sistematizada, aliada a troca de informações que facilitem aos educando vivenciarem com mais consciência e autonomia a sua própria sexualidade (formação), o trabalho de Educação Sexual deve apontar para que a escola assuma sua função educadora, suplantando os falsos conceitos e a falsa moral, com ações simples, honestas e coerentes com a vida social, afetiva, cultural, política e educacional.

Para tanto, faz-se necessário o enfoque tanto biológico, quanto psicológico, social, cultural, político, ideológico e educacional, viabilizando no ser humano a paixão, o afeto, o desejo, a vontade, o amor e o prazer, para que a mulher e o homem sejam sujeitos construtores dos seus valores, idéias, ternura e afeto.

O Projeto de Extensão em Sexualidade Humana na Educação tem e teve em si tem a preocupação de tentar captar as informações verbais e não verbais, possibilitando ao mesmo tempo pensar o individual e o coletivo, os temas de relevância sexualidade e gênero, na opinião do indivíduo e a do próprio grupo envolvido.

Para tanto, é e foram desenvolvidas as ações através das práticas de dinâmica de grupo, do grupo focal e do sociodrama; tais processos permitem uma aproximação maior com o cotidiano vivido e o sentimento sentido.

Assim, surge a atividade, através da dinâmica do grupo, do grupo focal e do sociodrama. O início do trabalho, ocorrido através da observação não participante, permitiu uma leitura do grupo, para a organização da prática de intervenção; com os dados daqui oriundos, são elaborados os grupos focais.

O presente trabalho com a temática da gravidez na adolescência, se inicia por meio de duas técnicas de grupo - trabalhando com o lúdico, o que possibilita uma maior participação e integração, além de quebrar algumas resistências possíveis diante do tema em si. A primeira estabelece o contato inicial com os/as adolescentes para promover o conhecimento, ao mesmo



tempo em que, ao final do trabalho, será esclarecido o objetivo de estar ali e o que se pretende atingir; na segunda (em dois momentos), será trabalhada no grupo outra técnica para que os/as mesmos (as) possam expressar suas visões sobre a sexualidade. Esses encontros permite e permitirão a compreensão de alguns elementos referentes ao tema, o que orientará o desenvolvimento do processo seguinte, o grupo focal.

O grupo focal, como uma sessão de grupo, permite apontar o tema de discussão, a exemplo, do primeiro tópico, a história da sexualidade. Aqui depois de uma breve reflexão, o grupo aponta sua visão do processo, dentro de seus conhecimentos – em outro momento, trabalhamos a visão histórica da sexualidade.

Ao apontar a visão coletiva, temos dados significativos para o desenvolvimento das demais atividades. Já que se trata de uma ação voltada para a questão da gravidez, tivemos como foco, em primeiro momento refletir sobre como se organizou a história da sexualidade, e assim, contextualiza-la no processo inserido em nossa cultura patriarcal e androcêntrica, visto que o tema sempre focaliza a mulher, e os homens se eximem e se excluem em sua maioria de suas responsabilidades. Assim, é promovida no segundo momento a dinâmica de grupo, onde trabalhamos os papéis sociais e sexuais, voltados para o universo feminino e masculino.

Assim, dividem-se os temas, sucessivamente: Como o grupo percebe o homem? E como o grupo percebe a mulher? Depois aos outros dois subgrupos, entregamos outros dois temas: Como deveria ser o homem? E como deveria ser a Mulher?

Cada grupo trabalha seu tema, a através de frases e colagem, explicitando o que o grupo entende pela temática trabalhada. O fazer ocorre a partir da proposta que o grupo ao produzir o trabalho de escolha de figuras, a colagem e a análise da linguagem usada nos meios sociais, possa expressar a visão que se tem do homem e da mulher, ontem, hoje e como deveria ser.

Incentivamos os alunos e alunas a localizar ocorrências como essa nas revistas, jornais e nos textos pesquisados, ajudando-os a reescrever a história.



Já que, por exemplo, nos trabalhos apresentados, ainda prevaleceu à dicotomia entre as mulheres e os homens, principalmente nas atividades da casa, através das figuras, imagens e na própria Língua Portuguesa, quando foi atribuída qualidade aos dois seres de sexos distintos, a concordância geralmente é feita no masculino plural (exemplo: a menina e o menino são espertos). Palavras no masculino são empregadas com valor genérico, substituindo palavras no feminino. É muito comum lermos, por exemplo: “O homem evoluiu muito nos últimos séculos” em vez de “A humanidade evoluiu muito nos últimos séculos”; processos esses que apareceram nos trabalhos realizados.

Ao vivenciar a técnica, em vez de uma apresentação teórica, o grupo, discute, reflete e se posiciona sobre as desigualdades e diferenças impostas socialmente acerca dos papéis de gênero, podendo trazer à tona as discriminações, e depois refletindo as mudanças, os preconceitos e tirando novas concepções sobre o feminino e o masculino.

Como percebemos, no trabalho proposto, a exclusão feminina já começa a ocorrer no próprio espaço da casa, quando o homem não interage com sua companheira e nem partilha com a mesma o amor, o trabalho interno e os cuidados com o filho.

(Durand, 1998, p.04)⁴, mostra esse mesmo aspecto quando aponta que "é surpreendente como essas jovens mães integram essa visão muito tradicional da mulher dona-de-casa e do homem provedor. Os papéis são muito bem definidos e, segundo as entrevistadas, não devem ser modificados. Elas querem ser responsáveis pelo lar e ao mesmo tempo se queixam que 'o homem não ajuda em nada', fazem de tudo para afastá-lo das tarefas domésticas que são delas, 'O que o homem sabe fazer na cozinha?... 'Não deixo meu filho com ele: homem entende de criança?'".

De posse desse material, ao final das atividades de cada subgrupo, com sua apresentação a todas e a todos do grupo, partimos para a reflexão da

⁴ Pesquisa no Pina -Recife, realizada junto a 31 adolescentes em 1997, e apresentada no trabalho da autora: Gravidez Adolescente: Novidade ou Reprodução Social?



construção social dos papéis de gênero, partindo da compreensão de Menezes (2011), onde o conceito de papéis de gênero refere-se ao conjunto de expectativas sociais sobre os comportamentos 'adequados' e 'claramente' distintos que a pessoa deverá manifestar, conforme o sexo a que pertence.

Tais aspectos nortearam o próximo momento, com a reflexão em si do namoro, ato sexual e a gravidez. Entra em campo o sociodrama, onde o grupo dramatiza publicamente o processo e pode trazer à tona, através das mudanças de papéis, da técnica do espelho, por exemplo, momentos de reflexão sobre a temática e sua estrutura na organização social e pessoal. Assim, quando os sujeitos sociais interagem, representam e trocam experiências, trazem à tona reflexões que o discurso em si limitaria a interação e participação ativa.

O resultado de todo o trabalho, termina por promover uma reflexão crítica e criativa, uma vez que, o exercício da questão em ação, promove um partilhar maior e uma reflexão em maior profundidade, pelo processo interativo que o sociodrama permite.

Portanto, a utilização de vários enfoques, possibilitou e possibilita na prática de trabalho uma visão interdisciplinar, uma vez que, a utilização do enfoque biológico, permitiu e permite uma visão do processo de desenvolvimento humano, uma visão do corpo, e seus aspectos significativos.

Já o aspecto psicológico, permite e permitiu uma leitura emocional viabilizando no ser humano a paixão, o afeto, o desejo, à vontade, o amor e o prazer, para que a mulher e o homem sejam sujeitos construtores de vida.

O social e cultural, por sua vez, permite uma compreensão dos hábitos, atitudes, valores, preconceitos, discriminações, machismo, sexista etc., que envolvem a sociedade e a prática de vida.

O político, ideológico norteia a prática educativa ampliando as possibilidades de uma leitura crítica da realidade, de maneira reflexiva e transformadora da realidade.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas buscavam e buscam viabilizar uma ação em torno da educação sexual, de forma dinâmica e participativa; promover uma ação por parte dos participantes como protagonistas se suas questões, fazendo com que eles interagissem uns com os outros, falando sobre o cotidiano que envolve a questão da sexualidade.

Pois, tudo isso, refletem o quadro, no Brasil e aqui em Pernambuco, o qual espelha como é grande ainda o preconceito e a distância em torno da sexualidade no ocidente, terminando por se refletirem essas distorções que, em vez de somar, afastam e provocam mal-estar para os/as adolescentes.

Esse fato apareceu também junto às adolescentes que participaram e participam das atividades do projeto. Em sua maioria, o ato sexual acontecia esporadicamente e sem um planejamento adequado, estando o casal desprovido da camisinha e de qualquer outro método contraceptivo, mesmo os conhecendo.

Assim, a gravidez na adolescência termina promovendo uma maior exclusão, visto que as jovens, na maioria das vezes das classes populares, já se encontram desprovidas de condições básicas de vida e fora da escola; ou, em outros casos, promove o afastamento das mesmas, o que termina por implicar uma baixa escolarização, resultando na desqualificação e na exclusão do processo de trabalho; restam, assim, poucas opções e, em geral, na área informal de trabalho.

Por outro lado, a maior dificuldade é a permanência dos participantes ao longo do projeto no grupo do Projeto Recriar. Este afastamento pode ocorrer em virtude de uma possível resistência em refletir e debater assuntos que permeiam o campo da sexualidade, afinal as idéias propostas podem ser bastante diferentes das que já são concebidas por eles como certas ou erradas. Para isto, procuramos conhecer a realidade daqueles que participam do projeto, abordando o tema da maneira mais próxima possível do cotidiano



dos mesmos, com tempo e bastante cautela para efetivarmos de forma satisfatória as atividades, dando andamento ao projeto.

Porém, podemos concluir que tem sido bastante satisfatório o resultado do projeto. Ao longo do tempo, a participação vai crescendo, os participantes interagem de maneira mais efetiva, e muitas vezes relatam o quanto à experiência de participar está sendo importante. Muitas dúvidas são tiradas, fazendo com que os/as participantes procurem modificar atitudes errôneas que praticavam, visto que um dos objetivos do projeto é orientá-los (as) e promover a participação crítica e criativa, para uma vivência mais sadia da sua própria sexualidade.

Para o futuro, podemos apontar que o processo continua e continuará a ser desenvolvimento junto as comunidade circunvizinhas, bem como, a ampliação do tralho em outras comunidade e palestras e oficinas em escolas solicitantes. Levando, assim, as práticas ao ambiente comunitário.

Além do desenvolvimento de projetos de pesquisa na área, para aprofundamento da realidade vivida, tanto nas comunidades envolvidas ou a cada nova dela que chega ao projeto de extensão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. A Adolescente Grávida e os Serviços de Saúde no Município. Brasília, s.d. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/>>. Acesso em: 08 jun. 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

FORNA, Aminatta. **Mãe de Todos os Tipos**. Como a sociedade modela e reprime as mães. Rio de Janeiro: Eudioro, 1999.

FREUD, Sigmund. Obras Completas. Biblioteca Nueva: Madri, 1973.

HAGUETE, Teresa. O Objeto das Metodologias Qualitativas. In:_____. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.



KNOBEL, Maurício. **Síndrome da Adolescência Normal**. Porto Alegre: ARTMED, 1988.

MENEZES, Walfrido. **A Barriga Cresceu...** Adeus Meninas! - Exclusão social: do real ao simbólico na gravidez adolescente. João Pessoa/PB: Idéia, 2002.

_____. **Era... uma vez: Mulheres (In)visíveis** – Um Estudo da Representação Social Acerca da Cidadania Feminina. São Paulo: Editora IGLU, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Gravidez na Adolescência no Mundo. São Paulo, Projeto Aprendiz, 1999. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/aprendiz/>>. Acesso em: 21 dez. 1999.

ROCHA, Amarilis. Erotização do dia a dia eleva o número de adolescentes grávidas. Cadernos Brasil Comportamento, n-º 205, Rio de Janeiro, 1998.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Fátima. A Construção da Representação Social. Recife, 1996. (digit.).

WESTPHAL, Marcia. et al. Grupos Focais: experiências precursoras do uso da técnica em programas educativos em saúde no Brasil. São Paulo, 1995. (digit)